

Luis Fernando Beneduzi

Epifania, recriação e ressentimento: fragmentos narrativos sobre a experiência da viagem na imigração italiana no Brasil

Avertissement

Le contenu de ce site relève de la législation française sur la propriété intellectuelle et est la propriété exclusive de l'éditeur.

Les œuvres figurant sur ce site peuvent être consultées et reproduites sur un support papier ou numérique sous réserve qu'elles soient strictement réservées à un usage soit personnel, soit scientifique ou pédagogique excluant toute exploitation commerciale. La reproduction devra obligatoirement mentionner l'éditeur, le nom de la revue, l'auteur et la référence du document.

Toute autre reproduction est interdite sauf accord préalable de l'éditeur, en dehors des cas prévus par la législation en vigueur en France.



Revues.org est un portail de revues en sciences humaines et sociales développé par le CLEO, Centre pour l'édition électronique ouverte (CNRS, EHESS, UP, UAPV).

Referencia electrónica

Luis Fernando Beneduzi, « Epifania, recriação e ressentimento: fragmentos narrativos sobre a experiência da viagem na imigração italiana no Brasil », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Debates, 2007, Puesto en línea el 10 mai 2007. URL : <http://nuevomundo.revues.org/index3999.html>

DOI : en cours d'attribution

Éditeur : EHESS

<http://nuevomundo.revues.org>

<http://www.revues.org>

Document accessible en ligne à l'adresse suivante : <http://nuevomundo.revues.org/index3999.html>

Document généré automatiquement le 30 septembre 2009.

© Tous droits réservés

Luis Fernando Beneduzi

Epifania, recriação e ressentimento: fragmentos narrativos sobre a experiência da viagem na imigração italiana no Brasil

“Este movimento, que do timbre de uma voz, do tema de uma canção, de um refrão, de uma cantiga do campo ou da montanha, vai de improviso em direção a uma outra voz ou no sentido de uma flexão dialetal, ou, ainda, em direção a um vulto, um tempo familiar, é o percurso mesmo da nostalgia: é este traço que faz da nostalgia o lugar de um recordar perigoso e turbado”. Antonio Prete

- 1 As primeiras imagens que chegam a memória, quando se pensa na imigração europeia de finais do século XIX, vinculam esse fenômeno de massa à miséria, a fome, a impossibilidade total de um viver. Mesmo em nossos dias, poucos são os trabalhos que buscam trazer à luz os sentimentos que marcaram este movimento de pessoas; os traumas, as perdas e as misérias da alma que marcaram esta viagem ao desconhecido. Certamente, percorrer a trajetória dos imigrantes – neste caso italianos – é trilhar uma estrada de esperança, pois desde muito se construía essa imagem idílica do continente americano. Entretanto, não pode ser esquecida esta outra faceta do processo: a nostalgia que marcava o abandono da terra de nascimento, das pessoas queridas e das doces imagens de infância.
- 2 Nesse sentido, a obra de Edmondo de Amicis – *Sull’Oceano* – constitui-se em matéria prima de grande qualidade para entender as diversas sensações e emoções que fazem parte da experiência da expatriação. De Amicis narra – com um tom também jornalístico – esta viagem física, mas ao mesmo tempo subjetiva, entre a Itália unificada e a América, uma travessia que traz consigo a busca de uma epifania – segundo a leitura de Walter Benjamin – de um momento de revelação e encontro com este sonho de uma nova existência. Entendendo o processo de viagem enquanto partida, trânsito e chegada¹, a narrativa de Edmondo De Amicis apresenta um processo continuado de reelaboração desta dinâmica, mostrando a chegada também como um novo olhar para a partida, ou melhor, para o lugar de partida. O *contadino*² que deve abandonar a terra de nascimento, quando dela distante, lança um olhar nostálgico e reconstrói sua imagem da pátria deixada:

Os *contadini* -, respondeu lentamente [um defensor das idéias de Garibaldi], olhando o mar -, são embriões de burgueses. [...] E, ainda – observe – quando estão na América, recordam e amam a pátria. [...] – A terra, não a pátria³.
- 3 As palavras que De Amicis atribui a este garibaldino, proferidas em uma conversa com o autor, demarcam esse fenômeno da viagem, especialmente no momento da transição, como um processo não apenas físico – uma transferência de corpos entre dois continentes – mas, também, como uma dinâmica de reelaboração da experiência vivida. A trajetória de expatriação, somada à distância da terra de partida, promove um novo olhar sobre aquilo e aqueles que ficaram para trás. O afastamento temporal será um outro elemento que contribuirá para essas novas elaborações mnemônicas sobre as pessoas, as imagens, os sons, os cheiros: enfim, sobre todo esse velho mundo que, embora constantemente renovado, adquire permanentemente novas formas.
- 4 A própria vida de De Amicis é marcada pela viagem, entendida tanto como transição quanto como movimento físico entre países. No que se refere à primeira percepção, a vida de Edmondo De Amicis pode ser compreendida como uma caminhada em direção ao socialismo, ao qual aderirá oficialmente em 1892, três anos após ter escrito *Sull’Oceano*. No que se refere à marca do deslocamento e do conhecimento de novas culturas e países, os anos 1870

ressignificarão a vida do autor com diversas reportagens de viagem: Espanha (1873), Holanda (1874), Marrocos (1876) e Constantinopla (1878)⁴.

5 Dessa forma, a viagem transoceânica, realizada na década de 1880, será parte de suas andanças; porém, resultará em um romance marcado pelo contraste, pela força da terceira classe e pela frivolidade da primeira. Nesse sentido, a obra é uma marca deste momento de passagem para o socialismo, visto que será publicada em 1889, e de estranhamento com a sociedade burguesa pós-unitária.

6 Para compreender melhor a narrativa “Deamiciana”, é importante destacar sua vivência militar e sua visão positiva desta vida regrada. Tendo nascido na Liguria, De Amicis concluiu o Liceu em Turim e frequentou a Academia Militar da Província de Módena. Nessas suas experiências, solidificou suas idéias sobre a positividade do método de educação militar, pois encaminha o indivíduo para uma vida íntegra e para o controle de si mesmo. Em diferentes obras, permanecerá muito presente essa sua percepção sobre a formação militar, sublinhando em seus personagens essa capacidade de sacrifício pelas grandes causas. Se em *Cuore*⁵, os pequenos mártires poderiam ser vistos como soldados em miniatura – prontos a obedecer e padecer por uma causa superior – em *Sull’Oceano*, os novos militares são os emigrantes italianos de diferentes regiões, prontos a todo sacrifício pela redenção individual e familiar:

Em suma, fome e coragem de todas as províncias e de todas as profissões e, também, muitos famintos sem profissão, daqueles aspirantes a empregos indeterminados, que vão em busca da sorte/riqueza com os olhos vendados e com as mãos caídas⁶.

7 *Sull’Oceano* significará – também – um ponto de mutação na narrativa de De Amicis, talvez o início de seu desembarque no socialismo, pois será uma de suas portas de entrada nos escritos de denúncia social. Essa experiência na nave *Nord America* influenciará de modo relevante a fase final de sua atividade literária, aproximando-o sempre mais de seus ideais humanitários. O contato com a miséria dos emigrantes italianos produzirá diversas releituras sobre a Itália pós-unitária, muitas delas expressas nas narrativas sobre o *Galileo*.

8 Em contraste com sua leitura social, as obras literárias de De Amicis fornecerão, ainda, lugares de memória da Itália *Risorgimentale*, procurando, especialmente no ambiente escolar, construir um sentimento de pertença ao território peninsular que se tornava uma só nação. Nesse sentido, a obra *Cuore*⁷, de Edmondo De Amicis, será particularmente importante, pois busca dar a conhecer, através das aventuras e desventuras de Enrico, o que corre “nas veias da Itália”⁸.

9 Através do mundo de Enrico, aluno da Escola Elementar – seção Baretto – pela narrativa de seu diário, constrói-se o retrato de uma nação pobre e digna. No mundo de *Cuore* circulam os diversos tipos sociais que compõem a jovem nação, desde os poucos que foram já premiados com os êxitos imediatos da unificação até tantos outros não convencidos e mau dispostos a seguirem um roteiro de sacrifícios e de lutas pela construção da nação.

10 Também a imagem de um povo marcado pela emigração é narrada nesse ano escolar de Turim de 1881-1882, destacando a aspereza desse fenômeno. Em capítulos como *Il piccolo patriota padovano*, *Dagli Appenini alle Ande* e *Naufragio*, De Amicis traz a público um tema próximo e duro para a Itália dos anos 1880:

Um resumo preciso de alguma coisa que se aproxima as suas condições e as suas perspectivas: o destino do emigrante fraco, pobre, expulso, abusado⁹.

11 Na obra, coloca-se a importância da escola e da luta contra a ignorância, marcada na batalha do pai de Enrico, mas não se deixa de trazer a luz a experiência da viagem, da experimentação cognoscitiva de outros espaços, de outras culturas. Nesse momento, a figura de De Amicis se aproxima muito do cronista viajante de *Sull’Oceano*, o qual é fruto desta sua viagem à América, em 1884.

- 12 Edmondo, nessa obra, constrói uma imagem que permanecerá como ponto de referência nas histórias sobre a travessia do oceano. A saga da terceira classe, dos emigrantes que deixavam o porto de Gênova a caminho da América, da terra da promessa, em uma nave que rumava à Argentina, será reconstruída em toda sua tessitura interna. Também nesse escrito, o autor buscará remontar um universo de relações presente no interior da nave, desde os contatos intraclasses – entre os passageiros da terceira classe – até os encontros entre classes distintas, como com a primeira e a segunda. Ora na proa, ora na popa, ou, ainda, nas refeições no grande salão de primeira classe, De Amicis narra esses momentos particulares da travessia¹⁰. Narra essa imagem paradoxal em que se constitui a América nas mentes dos emigrantes: um lugar de exílio, um lugar de salvação.
- 13 O livro inicia com a narrativa da brutal miséria quando do embarque no porto, na nave *Galileo*. Em um dado momento ouve-se uma voz dizendo: “– Quem não é passageiro, à terra¹¹!” Em seguida, pode-se perceber, em alguns, já os primeiros sinais de nostalgia, da tristeza da partida, da recordação das coisas que ficam para trás. Essa imagem retrata o princípio do exílio, ou o dar-se conta que se deixa a pátria. Após o anúncio, o autor descreve as reações:
- Estas palavras fizeram correr um arrepio [...]. Então, das mulheres estourou um choro, dos jovens que riam se fizeram sérios, e se viu alguns homens barbudos, até agora impassíveis, passarem-se a mão sobre os olhos¹².
- 14 A narrativa faz perceber, então, o início da viagem, pois mesmo os mais desatentos, mesmo aqueles que ainda não haviam compreendido a ruptura que estava sendo iniciada, a partir da ordem, entendem que se está vivendo um momento de perda, de destruição. Até mesmo aqueles homens sóbrios (barbudos) – deve-se lembrar que barba no século XIX significava maturidade, sabedoria – acabaram por viver fortemente essa perda, pois passavam a mão nos olhos. Assim, De Amicis narra a partida como o início de um processo de perda, pois a experiência vivida se tornará cada vez mais distante. Entretanto, na voz do garibaldino que se destacou anteriormente, abre-se a possibilidade do retorno, a partir de uma rememoração ressignificadora das dinâmicas de partida.
- 15 De outra parte, De Amicis ainda observa um velho que brada contra a pátria:
- Próximo ao castelo de proa uma voz rouca e solitária gritou em tom de sarcasmo: – Viva a Itália! – e elevando os olhos, vi um velho alto que mostrava o punho à pátria¹³.
- 16 Em um primeiro momento, parece contraditório ver-se pessoas que choram e se entristecem em contraposição a uma cena de ressentimento para com a pátria. Entretanto, deve-se ter presente a relação plural que se estabelece na concepção italiana de pátria. Por um lado, pátria se relaciona à idéia de nação – à Península Itálica unificada – trazendo consigo a figura do governo e dos governantes. Por outro, faz recordar o local de nascimento e as experiências sensíveis que a ele estão relacionadas, produz uma rememoração das amizades e das alegrias, sinais mais fortes em um momento de luto. Dessa forma, as duas cenas podem ser complementares na construção desse quadro da partida para o além-mar, se a desilusão para com a Itália – Estado unificado – é verdadeira, a melancolia e a tristeza por deixar o pequeno *paese* e toda uma rede de sociabilidade e solidariedade também traz em si sua verdade. O próprio De Amicis corrobora com essa percepção mais adiante, quando percebe nesses homens e mulheres mais a face de deportados que de emigrantes¹⁴.
- 17 Segue contando que a bordo pode-se encontrar um pouco de toda a Itália, enfim, fome e coragem de todas as províncias. Observa, então, que da proa à popa a imagem é de fazer medo:
- Uma variedade admirável de rostos cansados, tristes, risonhos, atônitos, sinistros; muitos dos quais faziam crer verdadeiro que a emigração leve para fora do país os germens de muitos delitos¹⁵.
- 18 Em suas descrições, faz questão de destacar que esses rostos, embora trouxessem em si marcas da dor, tinham proveniências diversas não somente quanto à província de origem, mas também por lugares sociais diferentes. Marcando os diversos tipos sociais que giravam pelo navio,

Edmondo dá a conhecer, à corista, que viajava sozinha e, com suas atitudes, despertava a ira e o ciúme das senhoras casadas; pessoas com algum padrão que se viram constringidas a emigrar devido a uma desventura; mulheres destruídas pela vida; e outras que mantinham feições angelicais. Enfim, faz perceber que o contexto geral da emigração é formado por um grande mosaico de particularidades, vindo à tona as mais diversas situações vinculadas ao porquê da partida para a América. Assim, termina comentando a busca de novas experiências e de uma melhora na vida – talvez a busca da *terra della cuccagna*, de um retorno ao Édem – enquanto motivos para a viagem:

Tinham muitos que poderiam ter trabalhado honestamente na pátria, e que emigraram somente para sair de uma mediocridade, da qual haviam decidido de não se contentar; e, também, muitos outros que, deixados a casa os débitos dolorosos e a reputação perdida, não andavam à América para trabalhar, mas para ver se teria melhor ar que na Itália para o ócio e para a patifaria¹⁶.

19 Seguindo ainda em um jogo de imagens sobre a terra de partida, o autor coloca na fala de um agente de câmbio a duplicidade imagética do emigrante sobre ela. O texto inicia na fala de um emigrado que, ao voltar à Itália, em sua viagem de retorno à América – essa que narra o livro – queixava-se do país que havia encontrado. Criticava a Câmara dos Deputados, o governo atrasado, o povo de mendigos e, também, os monumentos. Afirmava que o *Duomo* de Milão parecia maior quando ele havia partido. Sobre essa fala rebate o agente de câmbio, dizendo que do outro lado do oceano fazia-se o jogo oposto, reclamando de tudo que se encontrava na nova terra e exaltando com orgulho a pátria distante.

20 Certamente esse jogo narrado por De Amicis pode ser pensado, como uma estratégica busca de positividade no novo meio social, contrastando com a situação de “imigrante-exilado”. Porém, de outra parte, pode ser o início de um processo de construção de uma nova dimensão pátria. A terra que um dia se deixou não existe mais, ao menos a visão que dela se tinha não se encontrará mais. A terra na qual se chegou não é o paraíso sonhado: torna-se, também, um lugar de desilusão. Dessa forma, o imigrante adentra um espaço intermediário, constrói uma cultura hibridizada, pois a pátria imaginária que carrega em si não corresponde mais à realidade concreta da sua experiência. A rigor, o imigrante encontra-se em um interstício – vivendo em um não-lugar, contempla o paraíso, que se torna nesse momento a terra de partida e o exílio, a nova imagem da terra de chegada. Entretanto, o retorno não cancela esse paradoxo, mas o aumenta, pois nem mesmo a terra de chegada o paraíso, visto que os pontos de referência acabam obscurecendo-se. Esse homem que a pátria deixa e busca construir uma nova vida, e elege uma terra outra, é bem percebido por Ugo Foscolo¹⁷, o qual, mesmo de outra maneira, vive essa situação:

O homem [...] o qual tem duas pátrias, a nativa e a eletiva, termina em não ter nenhuma, e permanece um exilado por toda a vida. [...] Assim, a morte o tomará em qualquer lugar como em uma pensão pública¹⁸.

21 Com uma mescla de ódio e nostalgia percebiam a pátria, pois essa trazia em si as duas cores. A mesma Itália das relações ao interno da comunidade, das comadres que se encontravam diariamente, dos amigos da *bottega* ou das frias noites de *filò* na *stalla*, era a Itália dos *siori*, dos proprietários e de seus capatazes. Uma Itália se queria manter na lembrança como a doce recordação do *pays de mon enfance*, a outra, se estava procurando deixar para trás, pois era dela que se fugia e era ela que se odiava. Essa segunda figuração da pátria será observada pelo autor-narrador, Edmondo De Amicis, no capítulo “Rancores e Amores”:

Eu não tinha pensado ao estado de ânimo no qual era natural que se encontrassem muitas daquelas pessoas, enquanto ainda tumultuava nelas as memórias da vida intolerável, pela qual tinha decidido deixar a pátria, e aceso todavia o ressentimento contra aquela variada legião de proprietários, cobradores de impostos, agentes [...] designados todos com o nome genérico de *signori*, e cridos todos conjurados para seu prejuízo, e autores primeiros da sua miséria¹⁹.

- 22 A dimensão do exílio constrói uma imagem paradoxal da América, pois nela se contrastam a esperança da reelaboração de um projeto de vida e a personificação da impotência que conduziu à imigração. Dessa maneira, percebe-se muito presente a marca do ressentimento naqueles que parte. Desde a primeira imagem, do velho que diz “Porca Italia”, vê-se a prefiguração daquilo que Pierre Ansart chama de impotência rancorosa, a partida traz consigo o ódio e o desejo de vingança diante da perda irrevogável e da impossibilidade de retorno:

Um conjunto de “sentimentos” em que predomina o ódio, o desejo de vingança, e, por outro lado, o sentimento, a experiência continuada da impotência, “a experiência continuamente renovada” da impotência rancorosa²⁰.

- 23 Em toda a narrativa percebe-se o mesmo sentimento de *Cuore*, ou seja, um povo pobre, mas digno, que buscava saídas para a situação em que se encontrava. Sente-se em toda a narrativa o lamento dessa miséria errante da pátria, desse sangue que verte da artéria da nação, desses filhos despojados de terra e de pão, para, ao final, ver-se um *mea culpa*, quando o autor assume sobre si e sobre um grupo, ao qual ele chama de “nós”, a culpa desse êxodo de co-nacionais, porque não se os amou o suficiente, porque não se trabalhou o suficiente para o seu bem. Por fim, expressa a idéia de uma indissociabilidade dos egressos da Península Itálica:

Porque a pátria e o mundo sois vós, e até quando vós chorardes sobre a terra, toda felicidade dos outros será egoísmo, e todo nosso orgulho, mentira²¹.

- 24 A trajetória épica do *Galileo*, desde sua partida do porto de Gênova até a antevisão da Argentina, é envolvida por De Amicis em um acontecimento de dor e tristeza, privo de esperança, uma constante melancolia e cansaço. Para o autor, aquilo que se deixava para trás era desilusão e o que esperava o viajante também o era. Essa imagem de uma eterna dor é emblemática quando se cruzam duas naves no oceano, o *Galileo*, que se dirige à América e o *Dante*, que de lá retorna. Nesse momento, escuta-se um murmúrio transformado em gritos, tanto daqueles que retornam à pátria quanto daqueles que a estão deixando. Nas palavras trocadas Edmondo constrói um cenário de perda e sofrimento:

A dolorosa recordação da pátria, a alegria de revê-la em breve, a esperança de a ela retornar um dia, a maravilha e felicidade afetuosa de encontrar os irmãos, de sentir a voz e o hálito da Itália na solidão do Atlântico imenso²².

- 25 A viagem pode ser entendida, em um certo sentido, com aquilo que Max Scheler distingue como “ruminação” própria do homem ressentido²³. Ela produz o repensar da existência, o dar-se conta da separação e do corte com as experiências que até então caracterizavam o mundo sensível e constituíam-se “na vida” entendida enquanto única. Os navios que se cruzam produzem a imagem da dor para aqueles que partem, pois na mesma medida em que o rever as coisas pátrias cria esperança naqueles que retornam, aumentam o sentimento de perda naqueles que dela fogem. Essa dinâmica da imigração cria, também, aquela solidariedade da terceira classe, da qual fala De Amicis e – refletindo com Ansart – será esse ódio recalcado um elemento aglutinador e construtor de uma unidade do grupo, mesmo que seja manifesto apenas através de gestos e palavras:

26 O ódio recalcado e depois manifestado cria uma solidariedade afetiva que, extrapolando as rivalidades internas, permite a reconstituição de uma coesão, de uma forte identificação de cada um com seu grupo²⁴.

- 27 As duas obras de Edmondo De Amicis, *Cuore* e *Sull’Oceano*, constituem-se enquanto lugares de memória da nação que se está construindo. Na primeira vê-se a necessidade do trabalho árduo para o soerguimento da nação, a qual é estraçalhada pela miséria e pela dor – vindo ao encontro da necessidade de fazer os italianos – e mesmo a emigração, nesse contexto, entra como uma sangria nacional a ser estancada. Na segunda, em que se tem a narrativa da viagem de De Amicis, a qual também serviu à elaboração da obra anterior, a figuração

do fenômeno emigratório como experiência de dor e melancolia é ainda mais reforçada, bem como o sentimento de abandono pelo governo.

28 O final da saga traz em si o dar-se conta que a pátria foi deixada, que realmente se está diante de uma nova vida, de uma nova existência. Essa imagem de efetivo rompimento com a terra de partida é construída pelo autor com a narração sobre uma senhora que somente ao ver a América se deu conta de ter abandonado irrevogavelmente o seu país e isso apertou-lhe o coração e a levou ao choro. De certa maneira, a imagem daquela que chora, que percebe que a travessia foi terminada, que se abandonou finalisticamente a Itália, prefigura também a chegada. Se, assim como a partida, entende-se a chegada como um lugar subjetivo – para além do plano físico – o choro constitui-se em uma representação deste final da viagem, pois objetiva a percepção de perda, de ruptura. Assim, a imagem idílica da América inicia a ser rompida pela dureza das primeiras relações que se estabelecem e – acima de tudo – pela transmutação imagética: de terra sonhada em terra encontrada.

29 Nesse sentido, a viagem pode ser compreendida como parte do trauma²⁵ da emigração, muito embora apresente também formas que são construídas para com ele lidar. A partida apresenta o ponto objetivo de ruptura, pois se está efetivamente deixando a Itália; entretanto, serão o trânsito e a chegada que produzirão a tomada de consciência deste movimento subjetivo. Esse choque emocional acontecerá no pós-partida, tanto podendo acontecer no momento da travessia quanto naquele da chegada física. Porém, esta emoção violenta pode ser percebida, muitas vezes, apenas muito tempo após o desembarque, pois está vinculada a processos psíquicos de leitura do real. Assim, a experiência do trauma pode ser sentida em momentos diferentes da saga da emigração e o próprio *De Amicis* permite essa percepção em sua narrativa, construindo duas imagens de choro, vinculado a dor do não retorno: as diferentes pessoas que respondem com sinais de dor a voz que informa que se está partindo e a senhora que rompe em choro quando vislumbra a nova terra.

30 Para esses emigrantes/exilados a América constituir-se-á em uma eterna imagem de duplo significado. Por um lado, ela representa a chegada e a conquista de uma nova vida, em alguns casos marcada por novas dores, em outros, por alegrias e vitórias. Por outro lado, entretanto, a permanência na nova terra relembra a necessidade do abandono da terra de nascimento, a necessidade do exílio e reforça uma memória do ressentimento, marcando essa sensação de perda e impotência. Contudo, as novas experiências na América e a concretude de uma melhoria qualitativa da vida podem tornar opacos os sentimentos dolorosos, muitas vezes criar uma espécie de pacificação dos sentimentos. A sobrevivência psíquica requer a busca do esquecimento, uma estratégia de apaziguamento, especialmente quando não existe uma perspectiva de superação concreta da perda:

Os fatos organizados em uma cronologia têm a simplicidade inelutável, pois já passaram, enquanto os ressentimentos são extremamente incertos, quando não mais vividos e sentidos. [...] Somos levados a isso, salvo exceção, pelo próprio movimento de nossas novas experiências, pela preocupação de não sentir o peso das psicologias agressivas ou assassinas cujas violências físicas ou simbólicas sofremos²⁶.

31 A figura pluridimensional da viagem, sublinhada pelo trauma e pela nostalgia, será elemento importante das diversas reelaborações da experiência imigratória e participará decisivamente na produção de uma leitura epopéica da imigração. Por um lado, criará a necessidade de superação de uma dor advinda da perda das coisas queridas – levando a produção e resignificação constante de um vêneto imaginário em terras gaúchas²⁷. Por outro, particularmente nos momentos de festejamento étnico, criará uma necessidade de construir uma nova leitura sobre a experiência, destacando a vitória final, a qual é fruto de grandes esforços e sacrifícios. Em alguns momentos, *De Amicis* acena para esse processo imaginário de recriação de uma nova sensibilidade com relação a terra de partida; no entanto, será para a

produção do festejamento que sua narrativa será de grande contribuição²⁸, pois reforça essa dimensão heróica do emigrante – aquele abandonado, que rumo para o desconhecido.

32 Ao mesmo tempo, a travessia constitui-se em um processo de perda e exílio, pois a pátria – o pequeno *paese* de nascimento – deve ser abandonada. Nesse sentido, o imigrante reelabora imagetivamente a terra de partida a partir de uma dinâmica que entrecruza o exílio e o paraíso.

Contrói-se um contraste interior, recriado continuamente no processo de deslocamento, que combina uma dinâmica de perda e de esperança, um confronto entre derrota e vitória.

O continente americano metaforicamente assemelha-se a uma alegoria Bejaminiana, pois, mesmo representando a vitória e a possibilidade de reconstrução, constitui-se em sinal de perda, do passado tangível que não existe mais. Aquilo que se recria acaba por fazer parte da marca dolorosa do que se perdeu, daquilo que é irremediavelmente ausente, reforçando ao mesmo tempo sentimentos de nostalgia e de ressentimento.

Notas

1 Leed, 1992 apud Constantino, Núncia Santoro. Partir, transitar e chegar: imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1889-1930). In: AXT, Gunter.

2 Poderia ser usado o termo *camponês*, o qual seria uma tradução possível do termo citado, porém, decidiu-se manter o termo *contadino* por pensar-se que o mesmo empregava uma situação específica do camponês italiano do final do século XIX, este trabalhador do campo que vivia uma situação de pequeno proprietário e de trabalhador das grandes propriedades dos *signori* (grande proprietário rural).

3 De Amicis, Edmondo. *Sull'Oceano*. Milano: Fratelli Treves, 1925, p. 63-64. “– I contadini -, rispose lentamente, guardando il mare -, sono embrioni di borghesi. [...] Eppure – osservai – quando sono in America, ricordano e amano la patria. [...] – La terra, non la patria”.

4 Bertone, Giorgio. *Sull'Oceano di Edmondo De Amicis*. Reggio Emilia: Diabasis, 2005.

5 De Amicis, Edmondo. *Cuore*. Turim: Einaudi, 1972.

6 De Amicis, op. cit. nota n. 4, p. 29. – “In somma, fame e coraggio di tutte le provincie e di tutte le professioni, ed anche molti affamati senza professione, di quelli aspiranti ad impieghi indeterminati, che vanno alla caccia della fortuna con gli occhi bendati e con le mani ciondoloni”.

7 Deve-se ter presente que *Cuore* iniciou a ser projetado por De Amicis desde 1878, muito embora tenha sido publicado e 1886. Na obra, sente-se ainda presente a experiência militar e de combatente da pátria, marca importante na vida de Edmondo De Amicis. O autor lutou na terceira guerra de independência, em 1866, e – em 1867/1868 – na primeira capital italiana (Firenze) foi responsável pela publicação de diversos escritos militares.

8 Faeti, Antonio. *Cuore*. In: Isnenghi, Mario. *I luoghi della Memoria*. Roma: Laterza, 1997.

9 Idem, p. 109. – “Un resoconto preciso di qualcosa che si stringe alla loro condizione e alle loro prospettive: il destino dell'emigrante imbelles, povero, respinto, sfruttato”.

10 De Amicis, Edmondo. Op. cit. nota n. 04.

11 Idem. p. 6. – “Chi non è passeggera, a terra!”

12 Idem, ibidem. – “Queste parole fecero correre un fremito [...]. Allora delle donne scoppiarono in pianto, dei giovani che ridevano si fecero seri, e si vide qualche uomo barbuto, fino allora impassibile, passarsi la mano sugli occhi”.

13 Idem, p. 7. – “Vicino al castello di prua una voce rauca e solitaria gridò in tuono di sarcasmo: – Viva l'Italia! – e alzando gli occhi, vidi un vecchio lungo che mostrava il pugno alla patria”.

14 Idem, p. 18.

15 Idem, p. 42. – “Una varietà mirabile di facce stanche, tristi, ridenti, attonite, sinistre; molte delle quali facevan credere vero che l'emigrazione porti via del paese i germi di molti delitti”.

16 Idem, p. 47. – “Ci saranno stati molti che avrebbero potuto campare onestamente in patria, e che non emigravano se non per uscire da una mediocrità, di cui avevano torto di non contentarsi; ed anche molti altri che, lasciati a casa dei debiti dolorosi e la reputazione perduta, non andavano in America per lavorare, ma per veder se vi fosse miglior aria che in Italia per l'ozio e la furfanteria”.

17 Literato originário da ilha jônica de Zante, o qual mudou-se para Veneza, com toda a família, pois sua mãe, viúva empobrecida, ali tinha certos negócios ainda pendentes do esposo. Assim, nascido em

terras dependentes da República de Veneza, escolhe por eleição a cidade de Veneza como pátria. Apoiou os franceses quando esses se instalaram em Veneza, porém com a entrega da ex-República ao Império Austríaco, ficou cheio de desilusão e, até, de desconfiança e ódio para com Bonaparte e a democracia francesa.

18 Pieri, M. *Opere varie inedite originale e tradotte*. Firenze, 1851. p. 359 apud Stocchi, Manlio. 1792-1797: Ugo Foscolo a Venezia. In: Arnaldi, Girolamo; Stocchi, Manlio. *Storia della cultura veneta*. Dall'età napoleonica alla prima guerra mondiale. Vicenza: Neri Pozza editore, 1986. p. 23. – “L'uomo [...] il quale ha due patrie, la nativa e l'eletiva, termina col non averne nessuna, e riman fuoruscito per tutta la vita. [...] Così la morte coglierà dovunque come in pubblico albergo”.

19 De Amicis, Edmondo. Op. cit. nota n. 04, p. 83. – “Io non avevo pensato allo stato d'animo in cui era naturale che si trovasse molta di quella gente, mentre erano ancora tumultuanti in essa le memorie della vita intollerabile, per troncar la quale avevano deciso di lasciar la patria, e acceso tuttavia il risentimento contro quella svariata falange di proprietari, esattori, fattori [...] designati da loro col nome generico di signori, e creduti congiurati tutti insieme ai loro danni, e autori primi della loro miseria”.

20 Ansart, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. In: Bresciani, Stella; Naxara, Márcia. *Memória e (Res) sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004. p. 18.

21 De Amicis, Edmondo. Op. cit. nota n. 04, p. 221. – “Perché la patria e il mondo siete voi, e finché voi piangerete sopra la terra, ogni felicità degli altri sarà egoismo, e ogni nostro vanto, menzogna”.

22 Idem, p. 328. – “Il rimpianto della patria, la gioia di vederla tra breve, la speranza di ritornarvi un giorno, la meraviglia e l'allegrezza affettuosa d'incontrar dei fratelli, di sentir la voce e l'alito dell'Italia nella solitudine dell'Atlantico imenso”.

23 Ansart, Pierre. Op. cit. nota n. 21, p. 20.

24 Idem, p. 22.

25 O *Dizionario Garzanti della Lingua Italiana* apresenta como uma acepção do vocábulo “trauma”: uma emoção violenta não dominada pela personalidade do sujeito. De outra maneira, o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa conceitua o mesmo vocábulo como “choque emotivo que modifica a personalidade do sujeito”. Destaca-o, ainda, a locução como “acontecimento na vida de um indivíduo que, devido a sua intensidade, impede uma reação adequada, produzindo transtornos no psiquismo”

26 Ansart, Pierre. Op. cit. nota n. 21, p. 31.

27 Beneduzi, Luís Fernando. Nostalgia, alegoria e restus: processos de desconstrução na elaboração identitária vêneta no Rio Grande do Sul. *Textura*. n. 11, Canoas: Ulbra, jan./jun. 2005.

28 Destaca-se que em 1925 – ano das comemorações dos 50 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul – será publicada uma nova edição de *Sull'Oceano*. Isso tudo transcorre no início do governo de Benito Mussolini, na Itália.

Para citar este artículo

Referencia electrónica

Luis Fernando Beneduzi, « Epifania, recriação e ressentimento: fragmentos narrativos sobre a experiência da viagem na imigração italiana no Brasil », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Debates, 2007, Puesto en línea el 10 mai 2007. URL : <http://nuevomundo.revues.org/index3999.html>

Luis Fernando Beneduzi

Doutor em História pela UFRGS; Professor da Università degli Studi di Bologna e da Universidade Luterana do Brasil.

Licencia

© Tous droits réservés

Resumen / Résumé

A experiência da viagem no processo da imigração marca o primeiro contato com o desconhecido, pois a aventura da travessia do mar-oceano traz consigo o abandono do único mundo tangível. O novo mundo que vai se descortinando diante do emigrante, na medida em que o navio adentra o mar, é um misto de representações que foram sendo produzidas antes da partida e de novas idéias-imagens que a própria experiência da viagem continuamente vai elaborando. Nesse processo, a leitura de “Sull’Oceano” de Edmondo De Amicis permite uma imersão neste mundo fragmentário de imagens e narrativas que o emigrante vai produzindo, tentando entender a sua própria experiência e existência, um mundo entrecruzado por diferentes expressões de sensibilidade: pela revelação de um novo mundo, pelo ressentimento com relação a terra que se abandona e pela recriação de uma representação pacificadora.

L'expérience du voyage dans le processus de l'immigration marque le premier contact avec l'inconnu. L'aventure de la traversée de l'océan signifie par conséquent l'abandon du seul monde tangible. Le nouveau monde va se dévoiler à l'émigrant au fur et à mesure que le navire avance en mer, en un mélange de représentations produites avant le départ et de nouvelles “idées-images” que l'expérience elle-même du voyage contribue à élaborer en continu. Au cours de ce processus, la lecture de "Sull'Oceano" d'Edmondo De Amicis permet une immersion dans ce monde fragmentaire d'images et des récits que l'émigrant va produire. Il tente par ce biais de comprendre sa propre expérience et son existence, en un monde entrecroisé de différentes expressions de la sensibilité. Le nouveau monde se révèle, souvenir tout à la fois d'une terre que l'on a abandonnée et recréation d'une représentation pacificatrice.

Mots clés : viaje, inmigración, italianos, Brasil

Entradas del índice

Cronológico : século XIX

Licence portant sur le document : © Tous droits réservés